



Compartilhar 26

Reflexões sobre o Homossexualismo

Rev. Jorge Aquino

Da mesma série (já distribuídos):

Compartilhar 1 – “Duas Utopias” (Richard Rorty)

Compartilhar 2 – “Visões Protestantes sobre a Escravidão” (Elisete da Silva)

Compartilhar 3 – “Identidade e Missão – perspectiva anglicana” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

Compartilhar 4 – “Os começos do Anglicanismo” (Dom Sumio Takatsu)

Compartilhar 5 – “Maria na Tradição Anglicana” (Rev. Jorge Aquino)

Compartilhar 6 – “Pezinho pra frente, pezinho pra trás – reflexões de um anglicano sobre ecumenismo” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

Compartilhar 7 – “Todas as coisas necessárias para a salvação” (Frederick H. Borsch)

Compartilhar 8 – “Igrejas e homossexualidade – ensaio de um balanço” (Gottfried Brakemeir)

Compartilhar 9 – “Leão XIII e as ordens anglicanas” (Prof. Magno Vilela)

Compartilhar 10 – “Abertura dos arquivos do Vaticano e procedimentos do ARCIC sobre *Apostolicae Curae* (William Franklin)

Compartilhar 11 – As primeiras Conferências de Lambeth (Dom Sumio Takatsu)

Compartilhar 12 – Resenha do livro de John Hick, “A metáfora do Deus encarnado” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

Compartilhar 13 – Uma eclesiologia Anglicana (Dom Sumio Takatsu)

Compartilhar 14 – Resumo das Conferências de Lambeth de 1978 e 1988 (Trad. e resumo (Rev. Francisco de Assis da Silva)

Compartilhar 15 – Preocupações Dogmáticas e Pastorais – Relatório da Conferência de Lambeth de 1988 (Tradução: Dom Sumio Takatsu)

Compartilhar 16 – O futuro da Teologia Anglicana – em diálogo com John Spong (Reginald Fuller)

Compartilhar 17 – Pronunciamento do Revmo. Dr. Barry Morgan ao Sínodo da Igreja em Gales

Compartilhar 18 – Escrituras na visão anglicana (Reginald Fuller)

Compartilhar 19 – A necessária Catolicidade para um mundo globalizado - Reflexões sobre a Colegialidade Episcopal na Igreja Católica Romana (Frei Marcelo Barros)

Compartilhar 20 – A história de Israel na pesquisa atual (Aírton José da Silva)



Compartilhar 21 – O bispo Robinson entre a modernidade e a pós-modernidade (Rev. Jaci Maraschin)

Compartilhar 22 – O Anglicanismo da Inglaterra para os Estados Unidos (Dom Sumio Takatsu)

Compartilhar 23 – “Deixe que o leitor entenda” (Grupo de estudos de hermenêutica da Diocese de Nova York)

Compartilhar 24 – Os desafios da Inclusividade (Jorge Aquino)

Compartilhar 25 – Reflexões sobre Santidade e Sexualidade (Arcebispo Njongonkulu Ndungane, África do Sul)

Caso não tenha recebido os textos anteriores, entre em contato com o Coordenador do CEA.

Reflexões sobre o Homossexualismo

Rev. Jorge Aquino

Este texto nasceu em junho de 2003.(a única exceção é o item 9, e dois sub-itens do item 7, que foram digitado respectivamente em fevereiro e em março de 2004) Ele não pretende ser uma resposta a ninguém, nem uma proposta para quem quer que seja. Ele não pretende ser nem um texto reativo nem proativo. Ele é, antes, uma forma que achei de “pensar em voz alta”; de ver materializado diante de mim, primeiro o que acredito ser verdade, depois o que desconfio ser verdade. Mas tenho que reconhecer que não saberia distinguir hoje o que acredito do que desconfio. Ou seja, cada vez mais minhas desconfianças passam a fazer parte de minhas convicções. Este texto marca minha tentativa séria e honesta de permanecer dentro dos círculos evangélicos, mas também, de não fechar os olhos para os grandes debates que estão sendo travados hoje na academia. Estou consciente de que quanto mais próximo da fronteira estamos, mais distantes da segurança ficamos, mais alvo de críticas podemos ser - muitas delas motivadas por fatores nem sempre confessáveis - mas também, mais próximos da *autenticação* (Jaspers e Tillich) podemos ficar. Afinal se nossa vida fosse guiada em função dos índices de popularidade estaríamos presos a obsessões humanas heteronômicas e não às nossas crenças, ao que acreditamos ser a verdade. Talvez fôssemos bons vereadores, mas certamente seríamos péssimos teólogos.



Como introdução eu gostaria fazer uma série de afirmações que, me parece, são consensuais entre todos os envolvidos no debate sobre o homossexualismo. Diríamos que não há dúvida de que o assunto é controvertido; Não há dúvida de que a homossexualidade é um fenômeno complexo; Não há dúvida de que as origens do homossexualismo continuam envoltas em densas trevas; Não há dúvidas de que há muito preconceito envolvendo este tema; Não há dúvida de que em nossas congregações há pessoas homossexuais; Não há dúvida de que precisamos ter coragem para afirmar o que pensamos, caso contrário seremos, para sempre, escravos de nossas consciências, ou pior, de nosso silêncio e de nossa covardia.

A maior dificuldade em se discutir um tema como este é que ele está envolto em uma densa nuvem de preconceito. Qualquer outro tema poderia ser discutido com uma razoável parcela de tensão, mas a homossexualidade não. Antes mesmo de abrir o debate, as verdades já estão postas. Ninguém está disposto a suspender os juízos *a priori*. Esta postura de pré-conceito e aversão ao outro pensamento torna qualquer debate algo infrutífero. Não tenho dúvidas de que todos temos pré-noções, mas é preciso que haja, pelo menos, o reconhecimento de sua existência e o senso crítico necessário para que se perceba se nossa postura é o resultado de uma reflexão amadurecida ou o produto de uma repetição irrefletida.

O que é mais lamentável é que estes preconceitos são, em sua maioria, oriundos da cultura na qual vivemos. Isto significa que não há uma possibilidade de se pensar diferente sem se tornar uma espécie de segregado cultural e social. Qualquer que queira ao menos levantar a questão já é visto, *a priori*, como um potencial perigo para a ordem estabelecida, para a moral e os bons costumes.

Significa, também, que não apenas é possível, mas que também tem sido comum colocar a cultura (e sua conseqüente tradição moral) no mesmo pé de igualdade que se encontra as Escrituras. Somos capazes até de discutir questões críticas sobre a Bíblia, tais como a autoria de certos textos, a possibilidade de acesso ao Jesus histórico, e até a historicidade da ressurreição. Mas somos incapazes de permitir que alguns itens de nossa agenda moral sejam questionados.

Neste texto eu gostaria apenas de enumerar algumas verdades que povoam minha mente e que, como tal, são fruto de uma caminhada e de meu próprio amadurecimento. Não tenho qualquer pretensão de infalibilidade nem



de absolutidade. Tudo o que é posto aqui é provisório e reflete apenas meu atual momento de reflexão. A experiência e as biografias que já li me mostram que até o fim de minha vida ainda tenho muito que mudar. Isto não me amedronta, mas me desafia a buscar sempre um amadurecimento maior e uma maior coerência sobre os temas.

Estas linhas, é bom que se lembre, foram escritas por alguém que se inscreve dentro do círculo daqueles que se auto-intitulam como evangélicos e que se consideram membro da tradição protestante da Igreja Anglicana. Isto, portanto, significa que sustento o princípio protestante e que acredito que, mesmo sustentando todas as crenças básicas da comunidade evangélica, estou consciente de que o Espírito Santo não está aprisionado por resoluções temporais do magistério, da tradição ou das visões temporalmente consideradas dos homens.

Sou desafiado por Deus a viver minha vida em integridade diante dele e do mundo à luz da visão que tenho, das verdades que apreendi e do grau da revelação que me foi dado. Portanto, com honestidade e respeito, faço as seguintes afirmações.

1. Afirmo crer que a Bíblia é inspirada.

Não acredito que qualquer cristão maduro possa descrever que a doutrina da inspiração é algo presente na igreja desde os seus primeiros séculos. Já no Novo Testamento encontramos a declaração de Paulo dizendo que "toda Escritura é divinamente inspirada". Não se questiona isto. Não se duvida que o texto bíblico possui uma relevância, uma importância e uma autoridade muito maior do que qualquer outro livro jamais escrito. A grande questão que se levanta é: o que queremos dizer por "inspiração"? O que isto significa? Como ocorreu? Durante boa parte da história da Igreja a inspiração era vista de forma **mecânica**, ou seja, acreditava-se que Deus tomava os escritores de tal forma que eles ficavam possuídos e transformados em uma espécie de instrumento. Em consequência disso, tudo o que escreviam era, literalmente, livre de qualquer ingerência humana. A escolhas das palavras, as idéias, tudo era divino e o homem entrava apenas com a mão e o papel.

Com o crescimento dos estudos bíblicos a partir do século XVIII os estudiosos perceberam a existência de vários estilos literários entre os livros da Bíblia. Isto levou a um dilema. Ou bem a Bíblia não é inspirada ou bem a inspiração não é da forma que imaginávamos. Com este dilema a existência de vários estilos e a diferença no vocabulário dos livros foi visto como uma



concessão de Deus. Deus, de fato inspiraria apenas a idéia do autor, mas cada um deles escolheria tudo, desde as palavras que seriam usadas até o estilo literário em que escreveria. Esta forma de inspiração ficou conhecida como inspiração **dinâmica**.

O problema é que a inspiração dinâmica não satisfazia os teólogos mais ortodoxos uma vez que não preservava o texto dos erros e dos enganos entre o pensar e o escrever. Imaginou-se, então, uma inspiração que de um lado, preservasse a cultura, o vocabulário e o estilo do autor e, de outro, preservasse o texto de erros conceituais essenciais. Esta forma de conceber a inspiração ficou conhecida como **verbal-plenária**. Para os defensores deste tipo de inspiração a Bíblia é mais do que um livro com boas idéias, ele é o registro inspirado da ação de Deus entre nós.

2. Afirmando crer que a Bíblia é autoritativa.

Se a Bíblia é vista como inspirada por Deus, o corolário lógico desta doutrina é sua posição autoritativa na vida dos cristãos. Dentro da Comunhão Anglicana é comum se ouvir falar que a Bíblia é nossa "regra de fé e prática". Esta frase é citada por toda a Comunhão Anglicana. Isto significa que a Bíblia é, sim, autoritativa, e sua autoridade, portanto, abarca o que devemos "crer" e o que devemos "fazer". Em um momento de luta religiosa contra o romanismo, esta expressão foi muito importante para assegurar a autoridade das Escrituras diante de uma hipertrofia da tradição da igreja e do magistério. Esta frase nos ensina que todas as esferas de nossas vidas devem ser "tocadas" pelas Escrituras. A "crença" nos leva ao território do subjetivo e a "prática" nos leva ao território do "objetivo". É preciso, contudo, dar fluidez a esta frase, ou seja, fazer com que ela fale para hoje. Esta frase abarca todas as esferas do ente, tanto o pessoal quanto o político, o conceitual e o existencial. Todas as esferas da vida devem se deixar "tocar" e "moldar" pelo ensino das Escrituras. Não há estrutura humana que possa, legitimamente, reivindicar para si a autoridade que as Escrituras têm. Nem o magistério da Igreja nem seus concílios têm esta autoridade.

3. Afirmando crer que nossa aproximação do texto não é neutra.

Afirmar que a Bíblia tem autoridade não é afirmar que seu estudo deva ser feito de qualquer forma. Os documentos anglicanos têm afirmado que devemos nos aproximar do texto sagrado munidos com a tradição, com a Razão e, a partir de uma experiência histórico-temporalmente condicionada. E, de fato, é isto que acontece. Quando nos aproximamos de qualquer texto, seja



ele escrito ou não, nós nos aproximamos com uma enorme carga trazida de nosso passado, de nossa educação e de nossa formação. Quando passamos a estudar ou descrever o texto sagrado, também estamos – consciente ou não disso – interpretando e “impondo sobre ele” leituras que, caso fôssemos outra pessoa, seriam diferentes. É por causa disso que Bultmann afirmava não haver exegese sem pressupostos. A fenomenologia já levantou a dificuldade de se conhecer “a coisa mesma” e nossa limitação epistemológica nos condena a conhecer apenas os fenômenos. Ademais, somos constantemente lembrados pela obra de Jürgen Habermas que não há conhecimento desinteressado em nenhuma esfera da compreensão humana. Este conhecimento deve nos tornar mais humildes e nos fazer questionar se nossa leitura da Bíblia não tem sido influenciada por fatores sociais, culturais ou históricos.

4. Afirmando existir uma diferença entre ética e moral.

Como evangélicos progressistas – também chamados em alguns círculos de neo-evangélicos, pós-evangélicos ou *open-minded evangelicals* – cremos ser imprescindível a utilização das ciências humanas para subsidiar o debate teológico. Isto se faz necessário porque o teologar não ocorre em um “não-tempo” ou “não-lugar”, desvinculado de qualquer espécie de condicionamento. Não pensamos a partir das nuvens. Pelo contrário. Há elementos presentes na discussão que nos fazem precisar do apoio e da assistência das ciências humanas, particularmente da história, da filosofia, da sociologia e da psicologia. Para ilustrar isto, vamos ver o debate filosófico existente entre ética e moral. Aqueles, dentre os quais me inscrevo, que fazem a diferença entre as duas, fazem as seguintes diferenças.

4.1. Sobre a ética.

A Ética trabalha com princípios que têm pretensão eterna e universalizante. Em Aristóteles, por exemplo, encontramos uma tentativa de estabelecer uma ética para toda a humanidade em todos os lugares em todas as épocas. Em Agostinho também pode ser visto um empreendimento similar. Mas aquele que de forma mais forte marcou nossa necessidade de uma ética que tivesse pretensões totalizantes foi Emanuel Kant. Depois da emergência da crise da modernidade e do multiculturalismo, este empreendimento entrou em crise. O que os grandes pensadores éticos desejaram foi encontrar “o princípio ético normativo” que fosse perene em todos os lugares para todas as pessoas. Por isso que se diz que ética aristotélica era a ética da “felicidade”, a ética de Agostinho era a do “amor”, a de Kant era a do “dever”, etc.



4.2. Sobre a moral.

A moral se diferencia da ética porque ela é sempre condicionada histórica e temporalmente, sendo, também mais afeita a dirigir os comportamentos práticos. Muitas "morais" já predominaram em nossa sociedade e muitas outras ainda hão de surgir, em função do caráter dinâmico desta sociedade. Por isso podemos falar de uma *moral feudal*, uma *moral burguesa*, uma *moral pós-moderna*, etc. As morais são sempre relativas e mutantes, dependendo das mudanças pela quais passam a própria sociedade e a economia. Contudo, sempre temos a tentação de fazer com que nossa moral sobreviva ao tempo e ao espaço e queremos que aquilo que é apenas transitório assuma "ares" de eterno e aquilo que é relativo, assuma um caráter imutável. Daí a tentativa de alguns de perenizar a moral patriarcal ou de resgatar a moral puritana para os nossos dias.

A sexualidade é uma das esferas privilegiadas, em nossa sociedade, para promover o surgimento de instâncias de vigilância. Isto ocorre, muito, em função do caráter "pecaminoso" que o sexo adquiriu com a leitura que a Igreja fez na Idade Média sobre a "queda" ou sobre o "pecado original". É Inegável, para qualquer estudioso sério, que a Igreja leu o "pecado original" como algo ocorrido na esfera do sexo e que, portanto, esta área deveria ser alvo de muito mais cuidado, vigilância e atenção da Igreja. É inegável também que esta postura sobre sexualidade passou de geração a geração e se cristalizou como sendo "a verdade". Daí a importância da virgindade como sinal de pureza. Não é sem propósito que o dogma da virgindade perpétua de Maria surge na esfera do cristianismo helenizado. Durante a Inquisição, muitas "bruxas" eram identificadas por causa dos sonhos eróticos que tinham. Confessar que tivera um sonho erótico era, em alguns lugares, assinar sua sentença de morte.

5. Afirmo existir, na Bíblia, referências a princípios éticos e a normas morais.

Qualquer leitor, desavisado ou não, ao ler a Bíblia pode encontrar nela inúmeras referências sobre o comportamento humano. Resta saber se podemos viver hoje sob TODOS os mandamentos bíblicos ou se podemos ESCOLHER aqueles que se aplicam a nossa vida hoje. Em outras palavras, nosso problema é hermenêutico. Cabe a nós, no processo de interpretação, discutir o que é e o que não é atual. Não acredito que tenhamos o direito de interpretar as Escrituras ao nosso bel prazer. Precisamos ser honestos conosco mesmo e com o texto. Precisamos escolher os critérios adequados para esta interpretação e estou convencido que este critério passa pelo reconhecimento



de que há coisas que são essenciais e coisas que são secundárias nas Escrituras, tanto em questões de fé quanto em questões de prática. No que diz respeito à nossa prática, acredito que as afirmações qualificadas como essenciais dizem respeito à ética e as secundárias à moral.

Não podemos, em primeiro lugar, interpretar tudo literalmente. Se assim o fizéssemos não apenas teríamos que proibir as mulheres de usar roupa masculina, mas também teríamos que apedrejar nossos filhos desobedientes à porta do arraial e diante de todos.

Também não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que TUDO o que está na Bíblia, pelo simples fato de estar na Bíblia, deva ser visto como normativo. Deus não está dando um "cheque em branco" aos escritores da Bíblia. Ao inspirar os escritores Deus não está, necessariamente, *assumindo* como suas, as idéias e as concepções morais, políticas, sociais, estéticas, existenciais, epistemológicas e científicas dos autores. Se fosse assim, teríamos que ser escravagistas e monarquistas como Paulo. Teríamos que exigir que as mulheres usassem, além de cabelo grande, um véu sobre elas e que ficassem caladas durante o culto, perguntando sobre qualquer dúvida ao seu marido em casa. Ou será que teríamos coragem de sugerir a uma escrava fugitiva, de algum lugar da África, (sim, porque isto ainda existe hoje) que retornasse ao seu senhor e o servisse? Mas foi esta a palavra inspirada (?) de Paulo para Onésimo na carta à Filemom. Será que as idéias sociais de Paulo também foram inspiradas? E suas idéias políticas? E as econômicas? E as estéticas? E as gastronômicas? E por que é que as morais são vistas como inspiradas e normativas? Porque umas sim e outras não? É honesto *escolher* quais critérios seguir e quais desobedecer?

Se não atentarmos para isto poderemos caminhar por uma exegese do absurdo, uma leitura surrealista da Bíblia. Estaremos dispostos a levar até as ultimas conseqüências uma leitura literal das Escrituras? Vejamos o seguinte exemplo:

Laura Schlessinger é uma personalidade do rádio americano que distribui conselhos para pessoas que ligam para seu show. Recentemente ela disse que a homossexualidade é uma abominação de acordo com Levítico 18:22 e não pode ser perdoado em qualquer circunstância. O texto abaixo é uma carta aberta para Dra. Laura, escrita por um cidadão americano e também disponibilizada na Internet.



"Cara Dra. Laura Obrigado por ter feito tanto para educar as pessoas no que diz respeito à Lei de Deus. Eu tenho aprendido muito com seu show, e tento compartilhar o conhecimento com tantas pessoas quantas posso. Quando alguém tenta defender o homossexualismo, por exemplo, eu simplesmente o lembro que Levítico 18:22 claramente afirma que isso é uma abominação. Fim do debate. Mas eu preciso de sua ajuda, entretanto, no que diz respeito a algumas leis específicas e como segui-las: a) Quando eu queimo um touro no altar como sacrifício, eu sei que isso cria um odor agradável para o Senhor (Levítico 1:9). O problema são os meus vizinhos. Eles reclamam que o odor não é agradável para eles. Devo matá-los por heresia? b) Eu gostaria de vender minha filha como escrava, como é permitido em Êxodo 21:7. Na época atual, qual você acha que seria um preço justo por ela? c) Eu sei que não é permitido ter contato com uma mulher enquanto ela está em seu período de impureza menstrual (Levítico 15:19-24). O problema é: como eu digo isso a ela? Eu tenho tentado, mas a maioria das mulheres toma isso como ofensa. d) Levítico 25:44 afirma que eu posso possuir escravos, tanto homens quanto mulheres, se eles forem comprados de nações vizinhas. Um amigo meu diz que isso se aplica a mexicanos, mas não a canadenses. Você pode esclarecer isso? Por que eu não posso possuir canadenses? e) Eu tenho um vizinho que insiste em trabalhar aos sábados. Êxodo 35:2 claramente afirma que ele deve ser morto. Eu sou moralmente obrigado a matá-lo eu mesmo? f) Um amigo meu acha que mesmo que comer moluscos seja uma abominação (Levítico 11:10), é uma abominação menor que a homossexualidade. Eu não concordo. Você pode esclarecer esse ponto? g) Levítico 21:20 afirma que eu não posso me aproximar do altar de Deus se eu tiver algum defeito na visão. Eu admito que uso óculos para ler. A minha visão tem mesmo que ser 100%, ou pode-se dar um jeitinho? h) A maioria dos meus amigos homens apara a barba, inclusive o cabelo das têmporas, mesmo que isso seja expressamente proibido em Levítico 19:27. Como eles devem morrer? i) Eu sei que tocar a pele de um porco morto me faz impuro (Levítico 11:6-8), mas eu posso jogar futebol americano se usar luvas? (as bolas de futebol americano são feitas com pele de porco) j) Meu tio tem uma fazenda. Ele viola Levítico 19:19 plantando dois tipos diferentes de vegetais no mesmo campo. Sua esposa também viola Levítico 19:19, porque usa roupas feitas de dois tipos diferentes de tecido (algodão e poliéster). Ele também tende a xingar e blasfemar muito. É realmente necessário que eu chame toda a cidade para apedrejá-los (Levítico 24:10-16)? Nós não poderíamos simplesmente queimá-los em uma cerimônia privada, como deve ser feito com as pessoas que mantêm relações sexuais com seus sogros (Levítico 20:14)? Eu sei que você estudou essas coisas a fundo, então estou confiante que possa ajudar. Obrigado novamente por nos lembrar que a palavra de Deus é eterna e imutável. Seu discípulo e fã...



Dá pra perceber até onde podemos ir com uma leitura literalista da Bíblia, não? Estaremos dispostos a assumir as conseqüências inevitáveis de uma leitura fundamentalista das Escrituras?

6. Afirmo reconhecer que as Escrituras tocam no tema da homossexualidade

É impossível dizer que as Escrituras silenciam sobre as questões referentes à homossexualidade. Mas também acredito ser claro que, ao falar do tema da homossexualidade os autores da Bíblia apresentam uma preocupação simultaneamente séria, mas culturalmente condicionada. O raciocínio dos israelitas que estavam para entrar na terra prometida, vindos do Egito, era muito peculiar ao 12º século antes de Cristo. Todos os demais textos das Escrituras dependem da leitura que se cristalizou durante este período. E, se conseguirmos compreender este período saberemos “porque” a moral sexual israelita se fixou nesta área da sexualidade.

Em primeiro lugar, diríamos que não havia, naquele período histórico muitos tabus sexuais como existem hoje. As Escrituras parecem encarar com uma certa naturalidade, por exemplo, que duas filhas se deitem com seu próprio pai (Ló) ou que uma mulher se vista de prostituta para levar seu cunhado ao seu leito. Em momento algum estes textos apresentam uma repreensão tão severa do tipo que esperaríamos se algo parecido ocorresse hoje. Mas por que é assim? Porque se fizermos uma “arqueologia do pensamento” hebreu deste período, nos depararemos com a maior preocupação de uma família: deixar descendentes aptos a perpetuar a linhagem. Foi por isso que a atitude das filhas de Ló foi vista como moralmente aceitável pelo escritor do texto sagrado. Era absolutamente prioritário fazer perpetuar a nação em um meio hostil e estranho. A tradição familiar era algo tão preciosa que Onã foi condenado por não querer gerar um filho e permitir que o sêmen caísse sobre a terra. O que se condena aqui não é a masturbação, conforme a leitura que ouvimos desde criança e que ainda reproduzimos gerando uma culpa desnecessária em muitos adolescentes, mas a recusa em dar continuidade à linhagem de sua família. A própria poligamia era aceita, vez que ela era uma forma mais rápida de fazer a nação crescer e, desta forma, rivalizar com as nações vizinhas.

O mesmo raciocínio era feito com respeito ao homossexualismo. Ele não era visto, no princípio, como algo errado *de per si*. Seu erro estava em evitar que um novo guerreiro fosse gerado. Seu erro estava em impedir que o sêmen



gerasse uma descendência para a família e aumentasse o número de guerreiros no exército e, conseqüentemente o fortalecimento da nação. Volto a afirmar que, o erro em se deitar com alguém do mesmo sexo era semelhante ao erro de se deitar com a prima, ou a tia. Havia questões envolvendo o fortalecimento e a institucionalização das famílias com a finalidade de estabelecer o equilíbrio entre as tribos e o direito à herança. As questões têm, portanto, um transfundo sócio-econômico-político mais do que moral. Um resumo desta postura é vista na proposição segundo a qual, “nossa cultura sexual foi moldada pela megalomania de querer que os descendentes de Abraão fossem mais numerosos que as estrelas do céu e as areias do mar. Todo ato sexual não reprodutor era crime punido com a morte” (Galileu, janeiro 2004, p. 24) É daí que surgem os castigos impostos à homossexualidade, à masturbação e ao coito interrompido.

A rejeição à prática da homossexualidade, no início por razões sociais, passou mais tarde a ser exercitada como rejeição à vida dos opressores babilônicos, dos invasores medo-persas, e dos romanos. Os israelitas não podiam ter as mesmas práticas dos *goi*. Desta forma a homossexualidade passa a ser vista, na cultura judaica, como algo essencialmente errado.

Esta idéia só começa a mudar quando ocorre, modernamente, uma dissociação entre sexualidade e reprodução. Enquanto o sexo foi visto essencialmente como tendo por função a reprodução, todas os demais aspectos a ele relacionados foram sufocados. Hoje, sexo e reprodução são conceitos completamente dissociados. Tanto que é possível fazer sexo sem necessariamente procriar, como também é possível procriar sem a prática do sexo, ou seja, por meio de fertilização assistida. Em resumo, estudar a história das mentalidades, particularmente no que tange à sexualidade, nos faz ver que há fatores externos que influenciam nossa leitura da sexualidade. Em se mudando esses fatores, nossa leitura também muda.

7. Reconheço que não há consenso na Comunhão Anglicana sobre o assunto.

A Comunhão Anglicana é uma família de igrejas autônomas que está espalhada por mais de 150 nações do mundo. Cada uma destas nações, ou conjunto de nações, significa uma cultura e uma forma diferente de ver as obrigações éticas e morais. Isto obviamente significa que sobre um assunto como este é muito difícil haver um consenso. Esta falta de consenso se pode ver na falta de unanimidade da Conferência de Lambeth. Embora a posição



ditada conservadora seja majoritária, há muitos que pensam diferente. O que fazer? O próprio documento de Lambeth aponta algumas atitudes.

7.1. Devemos rejeitar a homofobia.

A primeira atitude que se pode ver em Lambeth é a defesa intransigente dos direitos básicos dos homossexuais. Não podemos permitir que a homofobia impeça nossos irmãos homossexuais de se congregarem e de receberem assistência pastoral quando desejarem. Este é um ponto consensual que não pode ser jamais esquecido.

Vivendo em uma cultura como a nossa, este ponto **PRECISA** ser apresentado de uma forma clara e forte. A homofobia se traduz, em nossa cultura, na violência explícita ou implícita. Piadas que desmerecem, desqualifica e humilham agridem tanto, ou mais, quanto uma ação física. Não podemos conceber que um cristão seja alguém que se julgue superior ao outro em função da cor de sua pele, da sua situação social ou de sua condição sexual.

7.2. Deve nos impelir ao estudo.

O passo seguinte é o de humildade para poder estudar o assunto. É preciso lutar para poder vencer o preconceito e para poder, suspendendo o juízo, se permitir ouvir o interlocutor e sua experiência. Sem que possamos ouvir o outro não iremos a lugar algum. O exercício humilde do diálogo é, portanto, fundamental para este momento.

7.3. Deve nos impelir ao respeito

Ainda que os chamados liberais, modernistas, progressistas, ou seja lá o rótulo que se queira usar, pensem contrário, acredito ser importante que se leve em consideração as decisões tomadas pela maioria da Comunhão. A dimensão moral de uma cultura não apenas é uma de suas partes fundamentais, mas qualquer violação de seus postulados pode gerar processos anômicos dolorosos. Ainda que pensando o contrário, é preciso respeitar os documentos e as resoluções decididas com clara maioria. Neste caso creio ser importante raciocinar com o conceito gramsciano de hegemonia e reconhecer que a maioria da Comunhão pensa diferente de mim. Sendo esta também uma



igreja católica, é imprescindível que os bispos se lembrem dos ensinamentos da patrística que reiteram que o episcopado não é propriedade de nenhum dos bispos em particular. Os bispos são bispos porque estão ligados ao único bispo de nossas almas: Jesus Cristo. Isto significa que, mesmo pensando diferente, o bispo é sinal de unidade e nenhuma decisão potencialmente cismática deve ser tomada contrariando o consenso dos fiéis.

Mas além do respeito aos documentos oficiais, que só podem ser mudados em suas legítimas instâncias, devemos também nos esforçar em respeitar o pensamento contrário e a dignidade pessoal dos oponentes. Aquele que pensa diferente de mim deve ser visto como alguém com dignidade e, em função disso, deve ser respeitado. Todos temos o direito de andar livremente sem ter que receber, contra a vontade, um rótulo na testa. Um rótulo cujo maior problema é limitar alguém a ser apenas uma idéia. Somos pessoas, complexas, difíceis, ambíguas, mas pessoas, e não coisas.

7.4. Deve nos impelir ao profetismo

A dialética da história, contudo, não é feita apenas de teses, mas também de antíteses. Isto significa que nenhuma mudança significativa na história da humanidade ocorreu sem o confronto de idéias e opiniões. Acreditamos que, em respeito à parcela significativa dos cristãos americanos e canadenses que compreendem e optam, também por maioria de votos, pela aceitação da ordenação de pessoas homossexuais e pela existência de um rito de bênção para casais homoeróticos, todo o resto da Comunhão Anglicana também deveria considerar esta realidade de forma respeitosa, legal e legítima. É claro que estas mudanças paradigmáticas na moral são demoradas, dolorosas e difíceis. Mas temos que reconhecer que não mais podemos pensar, elaborar e fazer teologia com a mesma *episteme* (Foucault) que foi usada pelos Pais da Igreja, os Reformadores, ou os Escolásticos protestantes do século XVIII. A ordenação do primeiro ministro negro ou da primeira mulher também foram eventos difíceis, e a aceitação desses fatos como dados consumados ainda não é aceita por muitos anglicanos no mundo.

7.5. Deve nos impelir à pastoral

A tradição do anglicanismo não é a de contribuir com grandes teólogos, mas com pastores. Os luteranos têm um Tillich, os presbiterianos têm um Barth, mas os anglicanos possuem uma tradição secular de tratar pastoralmente as crises e os problemas. O exercício pastoral aliado ao respeito ao outro e a inclusividade e compreensividade da Igreja Anglicana nos coloca e



nos colocará sempre em uma tensão dialética. Precisamos ver que isto é bom e desejável. Não é fácil falar em respeito, compreensividade, inclusividade e pastoral, e ao mesmo tempo procurar preservar com zelo as convicções. Mas é este nosso desafio. Se eu fosse um fundamentalista compreenderia o tratamento exclusivamente moralista que é dado aos meus irmãos homossexuais; se eu fosse um católico-romano compreenderia o tipo de tratamento meramente canônico e legal que é dado ao assunto. Mas, porque sou anglicano, rejeito com mais força um tipo de tratamento moralista/canônico que é dado aos meus irmãos em tantos lugares. Prefiro o trato pastoral, sigiloso, amigo ao trato moralista/canônico, público, frio e formal. Reconheço ser muito difícil não agir com dureza e tentar “expurgar o pecado” de dentro da igreja. Afinal vivemos em uma cultura homofóbica com uma formação moral fortemente influenciada pelo catolicismo. Mas afinal quem disse que temos que dar satisfação ao mundo e a sociedade? “Eles são cegos”, disse Jesus respondendo aos que diziam que os Fariseus se escandalizavam nele. “Se nos deixarmos guiar pelos cegos não cairemos com eles no abismo?”, pergunta o Mestre. Além do mais, não estou propondo um caminho fácil. De fato nem estou propondo um caminho. O que desejo é apenas respeito mútuo e comunhão com quem pensa diferente. Será isto possível? Oro para que sim.

8. Creio ser possível uma volta à via média

O debate em torno de uma “via média” sempre esteve presente na Comunhão Anglicana, mas a certeza de suas dificuldades também. A necessidade da busca de uma *via média*, contudo, parece-nos algo premente e urgente na atual conjuntura. É preciso que estejamos abertos para encontrar e orar com as pessoas que pensam diferente de nós. É preciso que sejamos capazes de reconhecer em nosso interlocutor alguns pontos comuns, alguns elementos familiares, que revelará nossa comum filiação. Acredito que o acirramento das posições e o endurecimento dos corações não será o caminho mais adequado e nem o mais cristão. É preciso, contudo, que sejamos honestos perante Deus e perante nós mesmos e que esta honestidade e integridade não apague nem destrua o amor.

9. As razões de meu voto e as possibilidades de um debate

No último Concílio Diocesano da Diocese Anglicana do Recife, o assunto voltou à baila. O que tínhamos que votar era o acolhimento ou não da [Declaração de Recife](#) como um documento diocesano, e a definição da quebra ou não de relacionamento com Províncias e Dioceses que se pronunciassem



favoráveis a aceitação da sagração de Gene Robinson. Meu voto foi contrário aos dois documentos. E agora explico o porquê.

Em primeiro lugar porque julguei incoerência romper relações com uma Província ou Diocese em função de sua aceitação ou rejeição das decisões da Conferência de Lambeth 98. Acho incoerência *primeiro* porque nossa relação com Províncias, Dioceses, Paróquias, pessoas, etc., não foram criadas pela Conferência de Lambeth, mas pelos vínculos batismais. Isto significa que nossa discordância com um elemento do documento de Lambeth também não pode quebrar um vínculo cuja natureza não é meramente canônica ou jurídica, mas espiritual. Minhas posições diante de Lambeth são irrelevantes para o estabelecimento ou para a quebra das relações que temos com a Igreja de Jesus. Acho incoerência, em *segundo* lugar, porque se estamos dispostos a romper relações com aqueles que não cumprem todas as resoluções de Lambeth, então deveríamos também romper relações com os bispos que sagraram, ilegitimamente, bispos missionários para trabalharem nos EUA, passando sobre a autoridade da ECUSA. Deveríamos igualmente romper relações com a Província que dá sustentação à AMIA, vez que ela quebra frontalmente as resoluções de Lambeth sobre territorialidade. Lembro das duras palavras do então Arcebispo George Carey, clamando para que as sagrações não ocorressem, e, no entanto, ninguém o ouviu. O que fica claro, neste ponto, é que nós deliberadamente SELECIONAMOS com quem queremos manter uma relação fraterna, em função de suas posturas sobre sexualidade, e não em função de seu respeito ou não à Lambeth. O respeito às decisões de Lambeth foram usados como desculpa populista (vez que lá estavam presentes centenas de bispos) para se esconder as reais razões. Acho que seria mais honesto admitir que a Diocese do Recife só se relacionará com quem pense da mesma forma sobre homossexualidade e não usar a desculpa, politicamente correta (?), de exigir respeito às decisões de Lambeth. Em resumo, acho uma leitura intelectualmente DESONESTA romper relações com a ECUSA e não romper com quem sustenta a AMIA. Ademais, questiono se a Diocese do Recife tem o critério ou a autoridade para decidir quem está ou não em comunhão com Cantuária.

Em segundo lugar, votei contra as resoluções, porque também achei intelectualmente DESONESTO aceitar a letra "d" da Resolução 1.10 de Lambeth 98 e não a letra "b". A letra "d" nos diz que a prática da homossexualidade é incompatível com as Escrituras. Quanto a este item a Diocese do Recife aceita Lambeth. Mas, quando o assunto é a letra "b" a coisa muda de figura. Lá se diz que o casamento deve ser entre "um" homem e "uma" mulher, portanto monogâmico, e "indissolúvel", rejeitando-se assim o



divórcio. Mas pergunto: os leigos e clérigos da Diocese do Recife concordam com Lambeth neste assunto? Claro que não. É sabido que boa parte do clero é divorciado e casado em segundas núpcias. O mesmo ocorre entre muitos leigos, que, aliás, vieram para a igreja anglicana porque queriam casar de novo. E onde estavam os ardorosos defensores de Lambeth 98? Calados. Convenientemente calados. E onde estavam os defensores da tradição de dois mil anos da Igreja? (afinal a aceitação do divórcio é muito recente e nem todas as Províncias da Comunhão Anglicana o reconhece) Desapareceram. A tradição se mostrou muito importante quando se quer rejeitar a homossexualidade, não deve ser ouvida quando o assunto é matrimônio. Uma outra questão: ao aceitar a poligamia os bispos da Nigéria contrariam Lambeth 98? Isto os transforma em infratores? Devemos romper relações com esta Província que aceita a normalidade da prática da poligamia?

Afinal, o que foi que ocorreu naquele Concílio? O que presenciei ali foi um gesto grosseiro de DESONESTIDADE intelectual diante das normas básicas e elementares da hermenêutica. De hoje em diante frases como "texto fora do contexto", muitas vezes usadas para condenar a leitura que as "seitas" fazem das Escrituras, não podem mais ser usadas unilateralmente. O que vi no plenário do Concílio foi um exercício, deliberado, claro, óbvio e deprimente de militância associado à desonestidade intelectual e ao populismo. Vi pessoas que não estavam ali para votar com suas consciências (muitas, arrisco dizer, a esmagadora maioria, sequer havia lido a Resolução 1.10), mas com paixão, e em alguns casos, com raiva. Presenciei aplausos quando se dizia o que o povo queria ouvir e risinhos, "de lado", quando não se dizia o que a massa gostava. Confesso que em 24 anos de presença anual em assembléias denominacionais, pela primeira vez me senti envergonhado do que vi, mais que isso, me senti enojado com certas "figuras de linguagem" e "recursos retóricos" que foram usadas ali. Para alguém que, como eu, sempre girou em torno da Academia e sempre frequentou o ambiente universitário, sempre esteve presente e participou dos debates internos no Partido dos Trabalhadores e que, sempre tomou parte ativa nos debates e nas comissões que participava nos Presbitérios da IPB, assistir a este Concílio foi doloroso, sofrido e vergonhoso.

Mas o que tem me deixado triste há muitos meses, é a ausência do "espírito" anglicano no debate. Neste aspecto, devo reconhecer, sou extremamente anglo-católico. O protestantismo parece que tem um "pecado original": uma tendência à fragmentação. Parece, e não nos demos conta disso, que trocamos um papa infalível por "centenas" de papas infalíveis. E cada um cria sua igreja. É um escândalo a fragmentação da Igreja. Por isso não me sinto bem com atitudes cismáticas, com gestos unilaterais, com o



exercício de arrogância triunfalista ou de crítica iconoclástica. E isto vale para ambos os lados do debate. Não me sinto bem quando a pastoral é substituída pelo apelo à legalidade ou quando as pessoas são menos importantes do que a "imagem" e do que a "opinião pública", do tipo, "afinal o que vão dizer de nós?". Não me sinto bem quando temos que "por na norma" o que queremos e não assumimos o ônus de nossa posição. Mas acima de tudo, não me sinto bem quando as únicas opções que tenho são a conformidade ou o silêncio. Não quero nem posso me conformar, mas também não posso calar a verdade do que acredito. Cercear a palavra? Instituir a censura? O arbítrio? Jamais posso aceitar isso. Não posso entender nem aceitar que não tenha o direito legítimo de ter minhas próprias opiniões sobre o que quer que seja, ou de não poder expressá-las.

É minha compreensão que os dois principais campos de debate seriam o campo da teologia e o do cânon. No que diz respeito à teologia, deixando-se de lado o debate sobre hermenêutica, a grande questão giraria em torno da teologia do batismo. O que o batismo significa para os anglicanos? Qual a sua importância e em que ele nos transforma? Estas duas perguntas são importantes porque se formos coerentes com o que ensinamos, então todos os batizados são feitos, pelo batismo, ministros (leigos) e evangelizadores. A teologia do ministério nos ensina que o batismo não é apenas o meio pelo qual entramos na Igreja, mas também o meio pelo qual Cristo nos chama ao exercício da evangelização e ao cumprimento de nossa missão. A rejeição de um ministro homossexual nos coloca em um dilema. Ou bem reconhecemos que pelo batismo as pessoas homossexuais também são ministros, ou bem negamos o batismo e a confirmação aos homossexuais. Não temos outra alternativa. Para sermos coerentes com nossa teologia, precisamos negar o batismo e a confirmação a todos os homossexuais, ou então, por força da coerência, aceitar que eles também possam ser ministros ordenados.

Canonicamente falando, os homossexuais ou são, ou não são aptos para serem recebidos como membros plenos. Se eles são aptos, podem ser eleitos para qualquer instância da igreja e pleitear qualquer cargo; se não são não podem gozar das benesses de membros. Mas não pode haver uma terceira alternativa. O Cônego Gene Robinson foi, canonicamente eleito e legitimamente aceito pela maioria de sua diocese. Cumpriu também todas as exigências dos Cânones Gerais da ECUSA e foi aprovado por sua Convenção Geral. Não há, portanto, defeito legal ou teológico em sua eleição e sagração.

Embora esta seja a minha reflexão honesta sobre o assunto, sei que muitos pensam diferentes de mim. Eu os respeito e admiro o zelo com que



defendem suas idéias. Mais que isso, eu entendo que eles devam ter o direito de dizer o que pensam. Mas este direito e este respeito devem ser uma via de mão dupla. Se queremos uma saída para o impasse, ela só poderá ser buscada na humildade, na escuta do outro, na reconciliação e no perdão, sem o que, não podemos mais dizer que somos embaixadores do Reino, cooperadores de Deus e ministros da reconciliação.